



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/09/2025 e 11/09/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/09/2025	10,06	280,50	50,56	5,01	3,99
08/09/2025	10,13	284,70	50,73	5,05	4,03
09/09/2025	10,11	291,70	49,70	5,00	4,01
10/09/2025	10,05	286,40	50,22	4,95	3,97
11/09/2025	10,15	288,30	50,82	5,03	3,99
Média	10,10	286,32	50,41	5,01	4,00

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	124,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
PR – Pato Branco	123,00	
PR – M.C.Rondon	119,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	123,00	
GO - Rio Verde	119,00	
BA – L.E.Magalhães	122,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	46,00	
MS – Maracaju	53,00	
SP – Itapetininga	60,00	
SP – Campinas	65,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	74,00	
PR – M.C.Rondon	72,00	

Período: 10/09/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/09/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,50	124,15	70,08

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/09/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	65,73
Feijão (saco 60 Kg)	185,71
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,49**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,45

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, estiveram um pouco mais baixas do que a média da semana anterior. Na expectativa do novo relatório de oferta e demanda do USDA, a ser divulgado no dia 12/09, o mercado pouco oscilou. Com isso, o bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, que chegou a US\$ 10,05 no dia 10/09, acabou fechando a quinta-feira (11) em US\$ 10,15, contra US\$ 10,12 uma semana antes.

Enquanto os números do relatório nós iremos comentar no próximo boletim, temos a dizer que, no dia 07/09, as condições das lavouras de soja nos EUA se apresentavam com 64% entre boas a excelentes, sendo que 21% das mesmas estavam na fase de desfolha (queda das folhas).

Por outro lado, na semana encerrada em 4 de setembro os EUA embarcaram 452.151 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o atual ano comercial (2025/26), iniciado em 1º de setembro, apresenta um recuo de 9% no volume embarcado em relação ao mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, no Paraguai, após a conclusão da safrinha de soja, a estimativa é de uma colheita total do produto em 10,58 milhões de toneladas para a safra 2025/26 (cf. StoneX).

E como era esperado, começam a surgir os números das perdas que os agricultores estadunidenses estão tendo com o tarifaço promovido por Trump contra a China. Chegando na metade da atual temporada de comercialização, as perdas atingem a bilhões de dólares que deixaram de ser vendidos à China. Quem ocupa este espaço é o Brasil e a Argentina. “Os importadores chineses reservaram aproximadamente 7,4 milhões de toneladas de soja, principalmente da América do Sul, para embarque em outubro, cobrindo 95% da demanda projetada da China para o mês, e 1 milhão de toneladas para novembro, ou cerca de 15% das importações esperadas. Nessa época do ano passado, os compradores chineses haviam reservado cerca de 12 a 13 milhões de toneladas de soja dos EUA para embarque entre setembro e novembro. Neste ano, praticamente nada foi reservado do país norte-americano. Os EUA normalmente enviam a maior parte de sua soja para a China entre setembro e janeiro, antes que a safra do Brasil chegue ao mercado, mas os compradores chineses ainda não reservaram nenhuma carga dos EUA para o novo ano-safra, de acordo com traders que acompanham os embarques. Em 2024, a China comprou cerca de 20% de sua soja dos EUA, ante 41% em 2016, segundo dados alfandegários. De janeiro a julho de 2025, a China importou 42,26 milhões de toneladas do Brasil, enquanto os embarques dos EUA totalizaram 16,57 milhões de toneladas. A ausência prolongada de compras por parte da China deve pesar ainda mais sobre os preços futuros da soja em Chicago, que já estão próximos das mínimas de cinco anos.” (cf. Reuters).

Lembrando que a soja dos EUA é cerca de 80 a 90 centavos de dólar por bushel mais barata do que a soja brasileira, para embarque em setembro-outubro, mas a tarifa de 23% imposta pela China sobre os embarques dos EUA (como represália ao tarifaço de Trump) acrescenta US\$ 2,00 por bushel ao custo para os importadores. Embora outros países tenham reservado soja dos EUA, analistas estimam que, se a China se mantiver fora do mercado norte-americano até meados de novembro, o total de vendas perdidas para o país poderá chegar entre 14 a 16 milhões de toneladas (cf. AgResource Co).

Enquanto isso, o USDA deverá iniciar a redução de suas previsões de exportação de soja dos EUA para 2025/26. Até o momento, a estimativa era de um total de 46,4 milhões de toneladas exportadas em 2025/26, contra 51 milhões um ano antes. Por enquanto, a China ainda não se fechou totalmente para o mercado estadunidense de soja, pois os preços da oleaginosa dos EUA estão mais atrativos. Porém, com o passar do tempo, o quadro vai ficando mais preocupante para os produtores estadunidenses.

Essa realidade momentânea elevou os preços da soja brasileira, graças à melhoria dos prêmios internos, puxados pela maior demanda chinesa. Esta realidade favorável ao Brasil durará até que ocorra um acordo comercial entre EUA e China, países que estão em negociação há algum tempo em torno deste assunto.

Enfim, enquanto a China vai fazendo estoques de soja sul-americana em especial, nos EUA os exportadores afirmam que estão deixando de vender aos chineses 15 navios por semana da oleaginosa devido ao tarifaço provocado por Trump.

Em tal contexto, os preços no Brasil se mantiveram firmes, puxados por prêmios que se mantêm ao redor de US\$ 1,50/bushel (e até mais). De fato, se não fossem os prêmios elevados os preços nacionais estariam bem mais baixos já que Chicago continua perto dos US\$ 10,00/bushel e o câmbio ao redor de R\$ 5,41 por dólar. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 124,15/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 124,00. Nas demais principais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 123,00/saco.

Enquanto isso, a produção brasileira de soja, para 2025/26, voltou a ser projetada acima de 180 milhões de toneladas, mesmo com o pouco aumento na área semeada. Espera-se, agora, uma produção total de 180,9 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado), a partir de uma expectativa de recuperação da produção do Rio Grande do Sul após os prejuízos sofridos pela seca na safra passada. Calcula-se um aumento de 1,2% a 1,8% na área nacional semeada, com a mesma ficando entre 48 e 48,5 milhões de hectares. A produtividade média futura ficaria em 3.771 quilos/hectare (62,8 sacos/ha), porém, isso dependerá, além do clima, do nível de tecnologia que o produtor utilizará para fazer a lavoura, já que os custos de produção estão muito altos.

Em tudo isso se confirmando, o Brasil poderá exportar 108 milhões de toneladas de soja em 2026, contra 105 milhões estimados em 2025. Já o esmagamento de soja chegaria a 59,5 milhões de toneladas no país no próximo ano, contra 58 milhões em 2025. Enfim, até o momento a comercialização antecipada da nova safra chegou a 20,5% do volume a ser colhido, contra 24,8% na mesma época do ano anterior e 29,2% na média histórica. Já a comercialização da safra passada (2024/25) de soja atingiu a 84,1% da produção estimada no país (cf. Safras & Mercado).

E especificamente no Mato Grosso, a comercialização da futura safra chegou a 27,4% do volume esperado até o final de agosto. Para comparação, um ano atrás a comercialização antecipada da safra 2024/25 atingia a 30,4%, enquanto a média histórica chegava a 36,3%. Portanto, as vendas futuras no principal Estado produtor nacional de soja continuam mais baixas do que o normal. Já a comercialização da safra passada de soja (2024/25) atingiu a 91,9% do total colhido no ano anterior (Imea).

Enfim, segundo a Secex, o Brasil exportou 9,33 milhões de toneladas de soja em agosto. Apesar do recuo de 23,8% em relação a julho, o volume foi recorde para o mês. No acumulado de 2025 (janeiro a agosto), os embarques totalizaram um recorde de 86,5 milhões de toneladas.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, continuaram girando ao redor de US\$ 4,00/bushel para o primeiro mês cotado. Tanto é que o fechamento desta quinta-feira (11) ficou em US\$ 3,99/bushel, o mesmo valor de uma semana antes.

O mercado esperava o relatório de oferta e demanda do USDA, a ser anunciado no dia 12/09, o qual comentaremos em detalhes no próximo boletim.

Enquanto isso, a colheita do milho nos EUA chegou a 4% da área no dia 07/09, contra a média histórica de 3%. Ao mesmo tempo, 68% das lavouras estavam entre boas a excelentes condições.

Já os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 4 de setembro, chegaram a 1,4 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, no atual ano comercial 2025/26, iniciado em 1º de setembro, as exportações do cereal estão 35% mais elevadas do que um ano antes.

E no Paraguai, para 2026, espera-se uma safrinha de milho ao redor de 4,85 milhões de toneladas.

Os preços do cereal no Brasil pouco se alteraram, embora já haja um viés de alta no mercado. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 62,50/saco, enquanto as principais praças se mantiveram entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00. No restante do país os preços oscilaram entre R\$ 46,00 e R\$ 64,00/saco.

No geral, os vendedores estão limitando a oferta do cereal no mercado livre, pedindo preços mais altos em novos negócios. No entanto, a demanda interna segue fraca, com os consumidores utilizando estoques na espera de aumento na oferta, pois considera-se que logo mais os produtores serão obrigados a vender o produto. Ao mesmo tempo, a exportação de milho brasileiro esteve fraca até julho, tendo reagido em agosto, o que traz expectativas de melhores preços mais adiante. Dito isso, “o ritmo de embarques diários em agosto/25 superou em 18% o observado em agosto/24, com volume escoado também 13% maior na mesma comparação, somando 6,84 milhões de toneladas” (cf. Cepea a partir de dados da Secex).

E segundo a Conab, até o dia 6 de setembro a colheita nacional da safrinha atingia a 98,3% da área total, enquanto o plantio da nova safra de verão chegava a 28,2% da área prevista, com forte avanço no Sul do país. De fato, no Rio Grande do Sul a mesma chegava a 39% da área, enquanto no Paraná atingia a 9% e em Santa Catarina a mesma se iniciava pelo oeste do Estado.

Em paralelo, no Mato Grosso, a comercialização do cereal da safra 2024/25 atingia a 68,3% até o final de agosto, contra 77,6% na média. Já para a safra 2025/26, as

vendas antecipadas de milho atingiram 15,5%, acima do índice visto nesta época para a safra 2024/25 (9,8%), mas abaixo da média histórica (22,7%). Um maior incremento nas vendas se deu pela melhoria do preço médio local. O mesmo, para a safra 2024/25, em agosto passado, fechou em R\$ 44,09/saco, enquanto para a safra 2025/26 tal preço chegou a R\$ 45,45/saco, ganhando 2,5% sobre julho (cf. Imea).

E no Paraná, segundo o Deral, o plantio da nova safra de verão de milho, no início da semana, atingia a 24% da área esperada, sendo que 71% da área ainda estava em germinação e 29% chegava no desenvolvimento vegetativo.

Enfim, a produção final da safra nacional 2024/25 de milho continua sendo projetada, pela iniciativa privada, entre 138 e 150 milhões de toneladas, enquanto a Conab aponta 137 milhões de toneladas. A expectativa é de que pouco mais de 50% da safrinha atual brasileira tenha sido comercializada até a segunda semana de setembro.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado, para o trigo, em Chicago, após quase um mês, voltou a romper o piso dos US\$ 5,00/bushel no dia 10/09, ao fechar em US\$ 4,95. Já no dia seguinte, 11/09, véspera do relatório de oferta e demanda do USDA, o bushel do cereal subiu um pouco e fechou em US\$ 5,03, contra US\$ 5,02 uma semana antes.

Dito isso, nos EUA a colheita do trigo de primavera, até o dia 07/09, atingia a 85% da área semeada, contra 84% na média histórica. Já o plantio da nova safra de trigo de inverno chegava a 5% da área esperada, contra 6% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de trigo estadunidense, na semana encerrada em 4 de setembro, atingiram a 424.993 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Desta forma, o total embarcado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, atinge a 7,1 milhões de toneladas, ficando 10% acima do registrado em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços voltaram a recuar no Paraná, na medida em que a colheita avança naquele Estado. As principais praças locais negociaram o cereal entre R\$ 72,00 e R\$ 74,00/saco, enquanto no Rio Grande do Sul o produto seguiu em R\$ 70,00.

No Paraná, até o dia 08/09, a colheita atingia a 12% da área, sendo que, das lavouras ainda a colher, 83% das mesmas se apresentavam em boas condições, 12% estavam regulares e apenas 5% eram classificadas como ruins (cf. Deral). Já no Rio Grande do Sul, até o dia 04/09, 70% das lavouras estavam na fase de germinação e/ou desenvolvimento vegetativo, outros 20% em floração e 10% em enchimento de grãos.

Enquanto isso, as importações brasileiras de trigo seguem em ritmo elevado, conforme a Secex. O volume comprado, no acumulado dos oito primeiros meses de 2025, é o maior desde 2007. Diante de preços externos mais atrativos, os moinhos brasileiros estão dando preferência ao produto importado. Em agosto foram 493.230 toneladas de trigo importadas, 20% a menos que em julho/25 e 9,5% abaixo da quantidade registrada em agosto/24. Mesmo assim, nos últimos 12 meses (de setembro/24 a agosto/25), o volume supera em 13,5% o do intervalo anterior, totalizando 6,77 milhões

de toneladas. No acumulado de 2025, são 4,68 milhões de toneladas importadas, alta de 2,7% em relação ao mesmo período de 2024.

Nota-se, portanto, que o mercado segue com pressão baixista, pelo menos até que os estoques gerais sejam reduzidos. Segundo a TF Agronômica, a oferta significativa no Hemisfério Norte, somada à boa safra prevista no Hemisfério Sul (especialmente na Austrália e Argentina), à redução da demanda chinesa e ao recuo nas exportações dos EUA pressionam os preços internacionais para baixo.

Em tal contexto, para os moinhos que possuem capacidade de compra o momento é favorável para a aquisição do cereal, enquanto para os produtores, que precisam de caixa imediato, talvez não seja bom aguardar muito tempo para vender porque as colheitas do Brasil e Argentina apenas se iniciam e a tendência baixista nos preços pode aumentar até o final do ano.